

# **33º Encontro Anual da Anpocs**

## **GT 38: Subjetividades e Emoções**

**Afetividades, consumo e redes: um estudo  
de grupos anônimos voltados para  
adicção no sexo e amor**

**Carolina Branco de Castro Ferreira**

## ***Introdução***

Este texto aborda parte de minha pesquisa de doutorado que tem como objetivo analisar as tecnologias discursivas em jogo e a sociabilidade estabelecida em grupos anônimos de ajuda mútua brasileiros voltados para adicções no sexo e no amor. A metodologia proposta é a observação etnográfica, análise de material de diversas fontes (jornal, revistas, internet, dentre outros) e entrevistas em profundidade com os participantes dos grupos anônimos *Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA)*, *Co-dependentes anônimos (CODA)* e *Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA)*.<sup>1</sup>

Os dados etnográficos coletados até agora sugerem que estes campos de pesquisa devem ser compreendidos a partir do estabelecimento de redes de sociabilidade, pois entre eles há um fluxo de sujeitos, sentidos, significados e objetos. Na primeira parte do paper mapeei historicamente o surgimento, a consolidação e o uso da categoria de co-dependência/adicção/compulsão/doença relacionadas com sexo, amor e afetividades em geral<sup>2</sup>. Estas categorias tornaram-se relevantes à medida que “costuram” sentidos dados pelos participantes na circulação dos grupos. Além dos sentidos dados por estes(as), essas categorias/idéias fundamentam o surgimento de grupos anônimos, mercados editoriais e materiais sobre o assunto.

Na segunda parte do artigo, busquei “desenhar” esta circulação/fluxo, apreender seus movimentos e entender seus sentidos. O campo etnográfico tem revelado como um número significativo de pessoas que freqüentam o MADA, o DASA e o CODA dizem freqüentar os *Devedores Anônimos (DA)* por conta de gastos exagerados com o mercado sexual (prostituição, revistas e vídeos) ou pelo *descontrole emocional*. Esse dado tem me levado a refletir como estas redes de sociabilidade operam com elementos e definições, quer sejam de consumo, quer sejam explicativas-psicológicas provenientes de literatura específica ou de auto-ajuda que dão sentidos a relações, identidades e noções de participação na busca por uma *ética emocional/sexual*.

## ***Optando pelo Amor***

### ***Não preciso amar: eu escolho amar***

*Por ter nascido numa família disfuncional, onde o clima emocional e espiritual era permeado pelo medo, raiva, vergonha e culpa, cresci alimentando um mecanismo de sobrevivência que me impedia de manter uma autêntica intimidade com outro ser humano, uma vez que não pude desenvolver a capacidade de confiar. Os constantes e variados tipos de abusos que sofri por parte das pessoas significativas na mais tenra idade fizeram com que eu vivesse num constante medo de ser exposto a situações vexatórias e dolorosas e que acabou formando uma personalidade extremamente ansiosa e medrosa. A dependência de sexo e relacionamento foi o mecanismo que se apresentou e com*

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é financiada pelo CNPQ.

<sup>2</sup> Este mapeamento ainda é inicial, pois estou na fase de busca, organização e análise do material. Neste momento utilizei sínteses de minhas leituras de livros, sites e panfletos sobre o tema, bem como o texto da psicóloga Immaculada Jauregui Balenciaga que na primeira parte de seu artigo faz um levantamento histórico sobre a categoria de co-dependência.

*o qual me identifiquei para sobreviver e poder dar vazão ao acúmulo de emoções negativas de tantos anos (sensação de vazio, inadequação, vergonha, medo, ansiedade, raiva e outras mais). A sensação de desligamento que encontrava em cada situação romântica e/ou sexual foi o elixir do prazer imediato que me possibilitou por momentos, me afastar de minha própria realidade emocional e espiritual(...) ( Trecho retirado do site de DASA na sessão depoimentos e assinado por um anônimo agradecido)*

*Meu nome é J, sou mais um Dependente de Amor e Sexo Anônimo (DASA) em recuperação e só por hoje mantive meu comportamento; na doença eu só pensava nos prazeres da vida, nos prazeres do corpo, e por falar em prazer nada melhor do que o sexo, drogas e rock rol. O sexo que eu gostava de praticar era um sexo animal, um coito irracional em que a mulher não passava de uma fêmea na qual eu a transformava em um depósito de espermatozoides; eu já gostava de sexo pago, pois não havia necessidade de me relacionar com a pessoa e muito menos intimidade, e quando já estava satisfeito ia embora e ela que se virasse. (Trecho de depoimento masculino retirado de “A jornada”- publicação DASA Brasil 10 anos)*

*Várias mulheres começaram a chegar e três já estavam na sala enquanto eu conversava com D. Ela me explicava o que são as Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA): um grupo de auto-ajuda para mulheres dependentes de relacionamentos que querem parar de tê-los de maneira destrutiva e serem viciadas por eles. D. disse também que este grupo era baseado nos 12 passos e 12 tradições de alcoólicos anônimos e que estes foram adaptados pelo MADA, e que a forma de participação era muito importante, pois “quando eu digo que sou D. e digo que sou uma MADA em recuperação, todas já sabem e todas já se identificam, é pelo fato de estarem aqui só pessoas que se identificam que o grupo dá certo”. A reunião começa e a coordenadora do dia se apresenta e explica o que é o grupo. As reuniões são ritualizadas e parece haver um padrão para os encontros. As sessões duram em média 2 horas e na primeira parte são lidos trechos de textos (“literatura”) e em seguida é aberto para os comentários das participantes, o tempo de fala é sempre cronometrado. Na segunda parte da reunião as mulheres podem falar e “partilhar suas experiências de sofrimento e dependência”. Há um momento especial para as que estão ali pela primeira vez falem, se apresentem e digam como chegaram ao grupo. (Notas de campo, MADA São Paulo, 20/12/2006)*

*La codependencia, una conducta adictiva (familiares y parejas de personas adictas, mujeres que aman demasiado, adictos al amor o a las relaciones, adictos a los romances, adictos al sexo, relaciones tóxicas, abuso y acoso moral, etc) (...) **Codependencia** es una **conducta adictiva**, caracterizada por el control o la focalización obsesiva en las necesidades y dificultades crónicas de la vida de otras personas, en desmedro de la atención de las necesidades y del cuidado de la propia persona".(trecho retirado de <http://www.lacodependencia.com.ar/index.htm>)*

*Esta é minha primeira observação participante no grupo Co-Dependentes Anônimos (CODA). Este grupo se reúne as quartas no salão da igreja N.S. da Pompéia. Eu cheguei com 30 minutos de antecedência e comecei a conversar com o primeiro participante que se*

*dirigiu à sala, me apresentei, falei de minha pesquisa e solicitei, caso fosse possível, assistir a algumas reuniões do grupo. R. respondeu que tudo bem, mas ele teria que consultar a “consciência coletiva”( os outros participantes),mais uma vez, reiterou de forma positiva minha participação, pois são as pessoas que são anônimas, não a “irmandade”. Nós ficamos conversando durante uns 20 minutos até todos (as) chegarem para a reunião. Ele me disse que há 14 anos freqüenta concomitantemente grupos anônimos, o primeiro que freqüentou foi os Neuróticos Anônimos (N.A), freqüentou bastante tempo o DASA, também freqüentou os Fumantes Anônimos (F.A) para deixar o cigarro, e há 10 anos freqüenta o CODA. Este grupo é freqüentado por homens e mulheres e as reuniões também seguem um padrão. A reunião começa e logo o facilitador do dia explica o que é o grupo e a co-dependência: “Co-dependência é a incapacidade de manter e nutrir relacionamentos saudáveis com os outros e consigo mesmo”. Várias pessoas fizeram menção à participação em outros grupos anônimos. As “queixas” sobre relacionamentos afetivos sexuais são muitas e freqüentes, contudo os participantes se referem a sofrimentos de natureza diversa: relação pai-filha, com os amigos, no trabalho. (Notas de campo, CODA São Paulo, 17/01/2008)*

*Siempre pensé que no tenía suerte con los hombres. Mis parejas empezaban en con un romance apasionado y terminaban al poco tiempo en un desastre entre gritos, mentiras, y locura. Siempre creía que me había equivocado al elegir la persona, que el próximo sería el hombre de mi vida, pero tampoco era. Tuve varias depresiones, y hasta un intento de suicidio. Empecé una terapia con un psicólogo especialista en vínculos adictivos. Al mismo tiempo entré a un grupo de Mujeres que aman demasiado. Mi manera de ver las cosas empezó a cambiar, me di cuenta de que la clase de hombres con los que me relacionaba no podían ofrecerme otro final diferente. Yo por mi parte tenía una autoestima tan baja que esperaba que cada uno de esos hombres me hiciera sentir bien, me hiciera feliz. Hoy, estoy trabajando conmigo, y espero ver los resultados de este nuevo camino. (Trecho de depoimento feminino retirado de <http://www.lacodependencia.com.ar/testimonios.htm>)*

*Ella me dijo que yo era su salvador y yo le creí. Nos habíamos conocido en su peor momento, su primer marido la había abandonado con sus dos hijos varones. Le dediqué toda mi energía, fueron cinco años, nos fuimos a vivir juntos, me convertí en el padre de sus hijos, les dí el bienestar económico que nunca habían tenido. Me dejó cuando decidió reconciliarse con su ex-marido , dijo que nunca lo dejó de amar. Empecé a tomar alcohol descontroladamente. Un amigo me sugirió ir a Alcohólicos Anónimos. Allí comprendí no sólo mi alcoholismo, sino mis conductas codependientes. Comencé mi recuperación. Han pasado otros cinco años. Hoy estoy libre del alcohol y he comenzado una nueva relación amorosa en donde tengo claro que ya no quiero salvar a nadie. (trecho de depoimento masculino retirado de <http://www.lacodependencia.com.ar/testimonios.htm>)*

Os trechos acima referidos são parte do material etnográfico que tenho reunido sobre grupos anônimos voltados para o controle de adicções relacionadas ao amor e ou sexo, quais sejam, Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), Dependentes de Amor e Sexo

Anônimos (DASA) e Co-dependentes anônimos (CODA)<sup>3</sup>. O que é ressaltado nestes trechos é a centralidade da motivação dos sujeitos em buscar nestes grupos anônimos apoio para superar/controlar problemas que envolvem dependências e perturbações de ordem psicológica, afetiva e sexual.

Nas últimas décadas, após a Segunda Guerra Mundial, os grupos anônimos de ajuda mútua que surgiram com objetivo de recuperação de indivíduos com vícios e problemas emocionais, proliferaram especialmente nos países ditos “desenvolvidos” (principalmente nos Estados Unidos), e depois no resto do mundo. A condição básica para ser membro destes grupos é de natureza existencial e a filiação aos mesmos se dá por auto-identificação (MOTA, 2004)<sup>4</sup>.

Os Alcoólicos Anônimos (A.A), o primeiro grupo deste gênero, desenvolveu o modelo de recuperação e estratégias terapêuticas baseadas em 12 passos e em 12 tradições para que a pessoa dependente de álcool pare de beber. É a partir da propagação dos Grupos de Alcoólicos Anônimos, quando esta organização ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, que muitas outras denominações de grupos de anônimos foram surgindo. O programa dos 12 passos e 12 tradições fora adaptado por outros grupos que não necessariamente estão relacionados com o alcoolismo, com a permissão do escritório de serviços mundial de A.A (MOTA, 2004).

Atualmente no Brasil, funcionam aproximadamente 17 tipos de grupos de ajuda mútua. Num encontro temático para o estudo de tradições e de passos, Mauro participante de DASA, disse que desde a fundação de A.A, este gerou 80 *irmandades* afins<sup>5</sup>. Aqui no Brasil,

---

<sup>3</sup> Os grupos que frequento como primeira parte da pesquisa de campo estão localizados em São Paulo. No entanto, eles estão presentes em várias capitais e cidades consideradas centros urbanos (Campinas, São José dos Campos, Santos, dentre outras). Em São Paulo eles mantêm encontros em diferentes bairros da cidade. O Grupo MADA que tenho frequentado se reúne as terças, quintas feira e aos sábados numa sala nos fundos da Igreja do Perpétuo Socorro, no bairro Jardins na capital paulista (Rua Sampaio Vidal, próximo à Avenida Faria Lima). No prédio nos fundos desta igreja há um salão de festas e uma série de salas nas quais vários grupos anônimos realizam suas reuniões semanais. O DASA que tenho contato é o que se reúne as quartas e sábados nos fundos da igreja Santa Tereza de Jesus no Itaim (rua Clodomiro Amazonas) e o CODA se reúne toda quarta-feira na igreja Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, no bairro da Pompéia. No mês de setembro de 2009 tive a oportunidade de conhecer grupos anônimos relacionados a adicção no sexo e amor em Buenos Aires, os trechos também dizem respeito ao material que reuni na Argentina.

<sup>4</sup> MOTA, Leonardo de Araújo. *A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos*. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>5</sup> As *temáticas* são reuniões que acontecem uma vez por mês ou uma vez a cada dois meses, nas quais participantes de vários grupos anônimos se reúnem para estudar ou debater um tema relacionado com os grupos. Na maioria das vezes é um *companheiro(a)* quem oferece a *temática* e que tem anos de participação em grupos anônimos. As temáticas podem tratar de livros afins com os grupos, bem como de assuntos diversos como co-dependencia e recuperação a partir de um testemunho pessoal. Na maioria das

o primeiro a se formar foi o de Alcoólicos Anônimos, em 1947, sendo que a partir da década de 90, um leque variado de grupos anônimos<sup>6</sup> passou a existir, e dentre estes, os que se pautam em adições relacionadas ao sexo e ao amor.<sup>7</sup>

Os Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA) se definem como uma irmandade que deve ser freqüentada por homens e mulheres que desejam evitar as conseqüências destrutivas de um comportamento adicto relacionado à dependência por sexo, amor, relacionamentos românticos, emocionais e anorexia sexual, social e emocional<sup>8</sup>.

O grupo anônimo de ajuda mútua Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA) segue as orientações do livro Mulheres que Amam Demais da terapeuta familiar americana Robin Norwood<sup>9</sup>. As reuniões deste grupo são permitidas única e exclusivamente para mulheres que se definem como dependentes de relacionamentos destrutivos e/ou viciadas em relacionamentos.

Os Co-Dependentes Anônimos (CODA) afirmam ser uma irmandade de homens e de mulheres que tem como finalidade desenvolver relacionamentos saudáveis. A definição de co-dependência, segundo o grupo é a incapacidade de manter e nutrir relacionamentos saudáveis com os outros e consigo mesmo.

## ***1. Sobre categorias: dependência, co-dependência e adicção***

---

vezes, essas reuniões tem um caráter diferenciado, pois se diz que são “abertas ao público”, quer dizer, uma pessoa que não se considera parte de nenhum grupo pode ir até lá para se aproximar do tema.

<sup>6</sup>Cito alguns exemplos destes grupos que adaptaram os doze passos de Alcoólicos Anônimos para outros fins: Neuróticos Anônimos, Psicóticos Anônimos, Introversos Anônimos, Comedores Anônimos, Narcóticos Anônimos, Devedores Anônimos, Jogadores Anônimos, Fóbicos Anônimos, [Al-Anon](#) (Entidade de Apoio aos Familiares e Amigos de Alcoólatras), [Fumantes Anônimos](#)

<sup>7</sup> O grupo Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA), criado em 1976 nos Estados Unidos, surgiu no Brasil em 1993 (<http://www.slaa.org.br/br/index.htm>). Este reúne uma série de “irmandades” afins como Co-Dependentes Sexuais Anônimos (<http://www.cosa-recovery.org>); Sexólicios Anônimos (<http://www.sa.org>); Compulsivos Sexuais Anônimos (<http://www.sca-recovery.org>); Dependentes de Sexo Anônimos (<http://www.sexualrecovery.org>). No entanto, apenas o DASA possui “salas” terapêuticas em vários Estados e cidades brasileiras. Os outros dois grupos que menciono e possuem “salas” terapêuticas em todo o país são os [Co-Dependentes Anônimos](#) (CODA) e Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), criados no Brasil na década de 90 (<http://www.codabrasil.org/diag1.htm>; <http://www.grupomada.com.br/site/pagina.php?x=apresentacao&tit=apresentacao>). Também tenho feito pesquisas na internet sobre os Homens que Amam Demais Anônimos (HADA), mas não achei nenhum site oficial de apresentação e localização do grupo. Apenas uma entrevista com Francisco Castro Neto, 51 anos, que afirma ser o fundador do HADA e que se reúnem todas as quartas-feiras, mas não diz onde. No site de relacionamentos Orkut há várias comunidades que debatem o assunto, inclusive uma delas informa que um livro intitulado Homens que Amam Demais (HADE-autora Tatyana Ades) será publicado no início do ano que vem. (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=32918192>; <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1098815>; <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=37301819>, dentre outras)

<sup>8</sup> O grupo define anorexia como a rejeição compulsiva de dar e receber nutrição social, sexual e emocional.

<sup>9</sup> NORWOOD, Robin. Mulheres que Amam Demais. Editora Arx, 1985.

A literatura na área da psicologia/psicopatologia sobre o tema da co-dependência faz uma distinção entre dependência e co-dependência. É comum a noção de dependência estar relacionada a pessoas adictas a substâncias químicas e álcool. Já a co-dependência seria uma adicção a outra ou a outras pessoas e os problemas decorrentes disso não se tratam de um sintoma, mas sim de um problema em si mesmo.

Na explicação deste tipo de literatura não só é comum a pessoa co-dependente aparecer como alguém que procura relacionamentos com outras pessoas dependentes (adictas a substâncias químicas e álcool) como também o co-dependente é alguém que tem características de uma pessoa adicta. Porque mesmo que não utilize álcool e outras substâncias, o co-dependente utiliza outras coisas de maneira compulsiva e adicta, tal como comida, trabalho e relacionamentos amorosos. A co-dependência sem tratamento terapêutico adequado pode se converter numa dependência de tipo tradicional a substâncias químicas e álcool, ou seja, para diversos autores dessa área, a co-dependência aparece como outra face da mesma moeda: a adicção.

Em boa parte dessa literatura a co-dependência é tratada como um fenômeno intimamente ligado com o das adicções ou *toxicomanias*. Bem como, os autores concordam que englobar os dois fenômenos é fundamental. Está presente a idéia de que não há como entender a dependência psíquica de alguém por alguma coisa sem compreender a co-dependência no entorno mais imediato. Esta idéia fundamenta o nascimento de grupos anônimos de apoio para parentes, amigos e familiares de alcoólicos anônimos e narcóticos anônimos (ALANON e NARANON). Em minha pesquisa de campo estes grupos têm aparecido muitas vezes como os primeiros a serem freqüentados pelos participantes de MADA, CODA e DASA, pois foi aí que se descobriram co-dependentes e assim passaram a freqüentar também outros grupos. Isso foi revelador em pesquisa de campo em grupos anônimos em Buenos Aires na Argentina.

Assim, a co-dependência aparece como uma adicção, uma dependência de ordem afetiva e se expressa a partir de diferentes termos, tais como relações adictas, adicção ao amor, dependência patológica e dependência ao amor. Ela também aparece como uma *adicção oculta* porque a natureza deste problema não é revelada de imediato, tampouco a pessoa sabe que tem e vive aparentemente de forma tranqüila (“normal”?) seu cotidiano.

Segundo Balenciaga (2000)<sup>10</sup> a literatura sobre este tema mostra uma grande variedade de definições e perspectivas teóricas. No entanto, atualmente parece existir um consenso sobre a problemática *relacional* do caráter adictivo da co-dependência. Foi na

---

<sup>10</sup> BALENCIAGA, Imaculada Jaregui. Codependencia e Literatura. Revista Española de Drogodependencias, vol. 25, n. 4, 2000.

primeira conferência nacional sobre co-dependência no Arizona-EUA em 1989 que emergiu uma definição oficial da questão: *a codependencia es una pauta dolorosa de dependencia de comportamientos compulsivos y de búsqueda de aprobación en un intento de estar a salvo, de adquirir una identidad y un valor de sí mismo»* (Lawlor, 1992: 19 *apud* Balenciaga, 2000 ).

Ainda, é na origem desta problemática que há um dissenso entre os autores. A literatura sobre o tema polarizou-se em dois argumentos: o primeiro enfatiza a perspectiva disfuncional familiar a qual gera dinâmicas interpessoais disfuncionais que estão na base da constituição da co-dependência. Segundo ela:

En este sentido la codependencia se desarrolla como una respuesta a circunstancias familiares disfuncionales en un esfuerzo por controlar y establecer una estabilidad ante una situación incontrolable e incomprensible. Esto se aborda en el sentido de la teoría del desarrollo de la depresión y la impotencia de Seligman (1975), según la cual las personas con depresión son guiadas por situaciones en las cuales no han aprendido a ejercer un control sobre el entorno, lo que implica que la codependencia se cristaliza en una edad temprana en el infante, con un síndrome de personalidad concreto –codependencia endógena– y que continúa su propia dinámica en las relaciones, mismo si la persona no vive con su familia de origen. Estas personas tienen mayores posibilidades de estar implicadas en repetidas relaciones disfuncionales. (BALENCIAGA, 2000, p. 6)

O segundo argumento sobre a origem do fenômeno referido, de acordo com a autora, está mais próximo do interacionismo simbólico porque coloca que a co-dependência representa o esforço de uma pessoa ‘essencialmente normal’ para adaptar-se a um parceiro(a) e a uma situação de vida extremamente difíceis. A pessoa pode ser adicta sem que isso implique em disfunções na família de origem da pessoa co-dependente. Assim, nessa explicação a co-dependência se configura na idade adulta e pode desaparecer se esse entorno problemático desaparece.

Para Balenciaga (2000) tanto as teorias sistêmicas quanto as interacionistas concluem a partir de casos clínicos que a co-dependência se dá em consequência de uma exposição a longo prazo num meio familiar altamente estressante. Esse meio familiar/entorno é definido como um lugar no qual há problemas como toxicomania, doenças crônicas, abuso físico e incesto.

Além da idéia da adicção no amor, a noção de adicção sexual também aparece muito, quer seja na literatura específica, quer seja nas falas dos sujeitos. Segundo Levine e Troiden (2002) o conceito de adicção sexual emergiu pela primeira vez entre os membros de



Alcoolicos Anônimos em Boston. Alguns membros do grupo descobriram sua “condição” no meio da década de 70. Tomando a filosofia e ideologia de A.A, eles definiram que suas masturbações frequentes , sexo impessoal, dependência emocional e relações fora do casamento como a manifestação de uma nova doença que eles chamaram de “sex and love addiction”. O livro de Patrick Carnes- Isso não é Amor- já traz nesse momento as definições do que é compulsão sexual, bem como a terapêutica para o tratamento a partir dos 12 passos.

No entanto, a noção de adicção sexual como a prática de relações sexuais em demasia, a busca por muitos parceiros sexuais e a não *assertividade* em praticar uma *afetividade adequada/saudável* aparecem como resultado, no limite, de uma co-dependência. Essas idéias aparecem tanto na literatura específica como nos usos que os sujeitos fazem quando narram seus sofrimentos nas reuniões. Mas, nos usos e explicações dos sujeitos sobre suas vidas e sofrimentos, é importante notar, que há algo mais que *um uso* no sentido *pragmático/prático* do termo- há uma *produção*.

Eu suponho que nessa circulação/fluxo de pessoas, significados, sentidos e objetos há uma *produção* de *explicações, saberes e sentidos sobre si*. É recente na pesquisa eu ter incluído entre os elementos que circulam objetos. Aqui, os objetos seriam os livros que circulam entre os grupos e entre as pessoas. Eles circulam de fato, porque são emprestados, são digitalizados e enviados por email, e é a partir dessas leituras e da frequência nos grupos que as explicações/saberes sobre si são produzidos.

Assim, toda essa primeira parte para mapear historicamente o surgimento de conceitos e categorias é fundamental porque penso à maneira de Scott (1998)<sup>11</sup>, não em pessoas/indivíduos que *têm experiência*, mas sim, em *sujeitos constituídos a partir da experiência*. Também em relação à literatura que é produzida e consumida pelos grupos, grande parte pode ser considerada auto-ajuda. Aqui, compartilho com Hochschild (1983) sobre o entendimento de que este gênero é um discurso privilegiado sobre as expectativas sócio-emocionais para a vida das pessoas. Assim, os livros não devem ser tomados como um reflexo da realidade, mas como códigos que ajudam a pensá-la e ao mesmo tempo a constitui.

É a partir da constituição destas categorias (co-dependência/addicção/compulsão/doença) que os sujeitos podem falar de suas experiências e renomear o que até então tinham reprimido, ou o que não sabiam que eram ou sofriam. Isto só é possível porque há um olhar retrospectivo que permite (re)classificar e (re) valorar a experiência de sofrimento . A partir da entrada nos grupos existe um investimento num auto-conhecimento

---

<sup>11</sup> SCOTT, Joan 1998: A invisibilidade da experiência. Projeto História. Cultura e Trabalho. PUC –SP. São Paulo, n.16, fev/98, pp. 297-327

afim de (re) experienciar e (re) ordenar o passado pelas idéias de adicção, compulsão e co-dependência. Elas são formas de apreensão que o sujeito cria a respeito de si mesmo (Foucault, 2006).

Essas formas de apreensão que são ao mesmo tempo a *produção* de conhecimentos e saberes sobre si, contém agenciamentos diversos e são interseccionados e marcados por categorias sociais (gênero, classe, idade, nacionalidade) e por contextos específicos locais e históricos. Por isso argumento que metodologicamente para entender essa apreensão/produção atual no campo das diversas tecnologias discursivas/ de si, nesse caso, com o contexto etnográfico de grupos anônimos, é preciso compreender a noção de pessoa e a circulação/fluxo de pessoas, significados, sentidos e objetos (como os sujeitos circulam? Porque? Como explicam?)

## **2. Sobre sujeitos, pessoas e significados: a circulação**

Os dados etnográficos que tenho levantado sugerem que os sujeitos circulam para além destes três grupos que mencionei inicialmente (DASA, MADA e CODA), isto é, eles circulam por uma variedade de outros (*neuróticos anônimos, emocionais anônimos, comedores anônimos, alcoólicos anônimos, narcóticos anônimos, devedores anônimos, dentre outros*). No entanto, há um número significativo de pessoas que dão sentido a sua participação nos grupos anônimos a partir da frequência nestes três que citei. Algumas frequentam mais um do que outro, mas a grande maioria já circulou entre os três.

Além disso, eles (as) dominam as definições e categorias empregadas pelos grupos, quero dizer, todos (as) sabem o que é *co-dependência*, o que é um *co-dependente*, o que é uma *mada*, um(a) *coda* ou um(a) *dasa*<sup>12</sup> e utilizam estas definições e entendimentos para explicarem suas *aflições* em qualquer grupo que estejam. Além disso, há um número significativo de pessoas que dizem frequentar os *Devedores Anônimos* por conta de gastos exagerados com o mercado sexual (prostituição, revistas e vídeos) ou por *descontrole emocional*.

Um movimento de circulação dos sujeitos é de DASA, MADA e CODA em direção aos devedores anônimos (D.A). Assim, é a partir do momento que ingressam nesses grupos que algum tempo depois o fato de gastarem demais ou terem muitas dívidas é interpretado como um problema e explicado a partir de elementos de descontrole emocional, co-dependência ou adicção à pessoas. Os sujeitos quer sejam nas *partilhas* nos grupos, quer sejam nas respostas às minhas perguntas, colocam que as dívidas ou o descontrole financeiro puderam

---

<sup>12</sup> É comum nos grupos os sujeitos dizerem seus nomes e se apresentarem como um co-dependente, um *dasa* ou uma *mada* em *busca de recuperação*..

ser entendidos como um problema retroativamente a partir da frequência em grupos anônimos de relacionamentos (como DASA, MADA e CODA), e daí por diante resolveram frequentar D.A. Bem como, já ouvi explicações no sentido de que dado um momento, no qual foi possível controlar a compulsão por sexo e amor outra se manifestou - o descontrole financeiro, explicado como uma forma de alívio.

Em uma reunião do grupo DASA, a escolha da “literatura” do dia foi a 7ª tradição: *Todos os Grupos de DASA deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer contribuições externas.* A única fonte de contribuição de dinheiro dos grupos deve ser dos próprios participantes, o conteúdo do texto sugeria um conflito entre materialidade e espiritualidade. Depois de lido é aberto para comentários dos participantes a respeito do tema.

S, uma mulher com pouco mais de 30 anos, branca, solteira, jornalista, tem um filho e inicia seu comentário dizendo sobre sua mãe no hospital e no sofrimento que passava com relação a isso. Ela continua sua partilha afirmando que passava por uma fase difícil que tem que encarar a morte, o hospital e que estava ansiosa. Ela ligou o tema do dia com a diferença entre “comprar” e “usar” e que por causa do momento pelo qual passava, ela estava “comendo muito chocolate” e “comprando muito”. Ela disse que comprou 4 bolsas este mês. Ela tb fez uma distinção entre “comprar” (num sentido de consumir) e “usar”. Neste momento seus comportamentos “obsessivos”, “compulsivos” lhe “serviam” como uso - como se ela precisasse. Disse frequentar o D.A, mas que no momento não o fazia com muita disciplina.

T. é uma mulher com cerca de 30 anos, negra, bancária e frequenta o MADA. Ela também diz ir ao D.A, pois disse que sua vida econômica é a primeira a se desestabilizar quando tudo dá errado. Disse gostar de comprar sapatos e roupas guiada por uma fantasia de que os homens vão olhá-la ou vão gostar mais dela. Mas, disse também que o fato de consumir muito é um problema para ela: “minha vida econômica independente de qualquer coisa”.

R, é um homem, aproximadamente 30 anos, universitário, me disse que todos os sábados antes das reuniões de DASA vai às reuniões do D.A. Em partilhas já ligou seu descontrole econômico à sua co-dependência. D, também um homem com pouco mais de 30 anos, funcionário público me disse da última vez que nos encontramos, que conseguiu organizar sua vida financeira com sua frequência ao D.A. Enfim, são muitas as pessoas que explicam sua circulação nos grupos ligando *descontrole emocional* com descontrole econômico e com consumo. Isso tem me dado pistas para refletir sobre recortes de classe nos grupos anônimos.

No início de minha pesquisa levantei a hipótese que os grupos anônimos eram frequentados em sua maioria pelas classes médias urbanas brasileiras. Alguns dados etnográficos apontavam para isso, a localização dos grupos em bairros na cidade de São Paulo, a

“psicologização” dos sujeitos que frequentavam (há uma vasta produção brasileira bibliográfica sobre a psicologização das classes médias urbanas) o que as pessoas consumiam (roupas, carros, atitudes, enfim). No entanto, com a minha maior frequência nos grupos e com o aprofundamento do trabalho de campo, percebi que há uma gama que pessoas que frequentam o grupo que não são “exatamente” uma classe média, ou melhor, são, mas é como se estivessem localizadas diferentemente na estratificação dentro desta classe. Há um padrão de consumo que se quer igual, e algumas pessoas estão melhor situadas para alcançá-lo, outras não. Há grupos em bairros “menos nobres” na cidade de São Paulo, e mesmo nos que estão localizados nos jardins encontramos pessoas que não têm o seu carro nem casa própria, tem empregos temporários, e para ter um padrão de consumo classe média, precisam financiar coisas, dividir em prestações.

Em conversa pessoal com Márcia Ochua<sup>13</sup>, ela me disse que nos E.U.A os grupos anônimos nasceram com um enfoque disciplinar para a classe trabalhadora. Será que no Brasil temos o processo contrário? Os grupos anônimos nascem com iniciativas de pessoas das classes médias urbanas e vão transformando-se? Como pensar a classe entre estes grupos? Pelo consumo? A partir da noção de camadas? Também me pergunto sobre a relação entre classes sociais e disposições emocionais nos grupos.

Em *The Managed Heart*, Hoshschild (1983) aborda a relação entre ideologia, subjetividade e padrões sentimentais e observa que ela se distribui socialmente a partir de hierarquias e dissemetrias vigentes. De acordo com ela, no contexto estadunidense, os sujeitos são cada vez mais chamados a atuar sobre suas disposições emocionais como parte de um gerenciamento institucional dos sentimentos diante um quadro de crescente alienação emocional como atividade de trabalho. Se todos agem sobre seus estados emocionais, alguns o fazem mais que outros. Assim, a autora afirma que quanto maior o status social da pessoa, mas suas emoções são levadas em conta, ao contrário, quanto mais subordinada é sua posição, mais ela é chamada a atuar sobre seus estados emocionais para produzir outro humor.

Apesar de se tratar de objetos de pesquisa em locais distintos há paralelos que podem ser traçados aí. Em que medida, os grupos anônimos voltados para adições em sexo e amor são locais privilegiados para os sujeitos tratarem de seus estados emocionais e produzirem outro humor? Hochschild (1983) também nota que esta produção de disposições emocionais é marcada por gênero, pois são os postos ocupados por mulheres os que exigem um maior grau de do que ela chama de trabalho emocional.

---

<sup>13</sup> Ela é professora assistente no Community Studies Department, da University of California at Santa Cruz

Os marcos de gênero e sexualidade também estão presentes na circulação dos sujeitos entre os grupos. Por mais de uma vez, vi partilhas de mulheres no DASA, que além de se identificarem como tal, também se identificavam como MADAS, e diziam que era uma surpresa para elas ouvirem os homens falando de seus sofrimentos com relação ao amor e ao sexo. Nota-se que um comportamento altamente erotizado para homens também pode ser considerado problemático.

A. é um rapaz branco, tem por volta de 30 anos, seu corpo é malhado e suas roupas marcam seus músculos. Em seu *depoimento* diz ser sua primeira vez no DASA, no entanto freqüenta há mais de 10 anos o CODA. Ele afirma que seu problema é a “mulherada”, que gosta mesmo é da “energia nervosa”, da “adrenalina” e não pode ver um “rabo de saia”. *No DASA, mais do que no CODA, eu me sinto a vontade para falar sobre prostituição e sobre pegar prostitutas*, e dá entender que já saiu com muitas mulheres na mesma noite, entre mulheres que ele “pegou” e outras que pagou. Para ele seu comportamento é um problema, pois em nome dele já fez *muitas loucuras*.

Em seguida, F. um homem branco, por volta de 40 anos diz que antes de entrar para o grupo: *eu sexualizava até um pedaço de pizza*. Ele afirma que está numa *onda de assexualização e abstinência sexual e emocional*, ou seja, não quer manter, por hora, nenhum relacionamento afetivo-sexual porque se encontra em *recuperação*.

Ainda segundo Hochschild (2003)<sup>14</sup>, no contexto público/privado constituinte da sociedade norte-americana, é a mulher o principal ator responsável pela construção e manutenção do tom emocional de grande parte das situações sociais. Os manuais de auto ajuda seriam voltados prioritariamente ao público feminino, pois na divisão social/ sexual do trabalho emocional ficaria com as mulheres a compreensão e o aprimoramento dos relacionamentos afetivos enquanto que aos homens estariam vinculados valores, de maneira relacional e complementar, mais ligados ao mundo das relações comerciais ou públicas.

No campo etnográfico que tenho feito nos grupos anônimos no Brasil e no que fiz durante um mês em Buenos Aires, essa divisão social e sexual do trabalho emocional existe. Se, apressadamente concluirmos a respeito de uma estratificação de gênero nos grupos, a partir destas narrativas e de outras nos outros grupos, essa conclusão será em direção a uma ordem *tradicional* sobre uma possível estratificação de gênero. Mas, os dados etnográficos sobre a

---

<sup>14</sup> HOCHSCHILD, Arlie Russell [1975]. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. 2ª ed. Berkley: The University of California Press, 2003.

circulação dos sujeitos, do porquê circulam e de quando circulam, como se surpreendem, pode ser reveladora da melhor maneira de como abordar/entender gênero nesta pesquisa. Para explicar o que quero dizer, cito Mariza Corrêa<sup>15</sup> em seu texto *feminina/masculino: a natureza imaginária no livro antropólogas e antropologia*, quando está escrevendo sobre a biografia de três mulheres: Heloísa Alberto Torres, Leolinda Daltro e Doutora Emília:

Colocando-as ao lado de seus colegas profissionais, no entanto, e analisando suas trajetórias no contexto da época de cada uma, começam a emergir definições de feminina e de masculino explicitadas em disputas pelo poder, pelo prestígio ou por privilégios de vários tipos e pela atribuição a elas de um estatuto ambíguo, como se se tratasse de seres andróginos a quem é preciso conjurar, desmentir, redefinir tão logo essa atribuição se expresse nos discursos a respeito de seus feitos científicos. Movimento de estranhamento, primeiro (que faz essa mulher num grupo de homens? Deve ser homem...), de re-alocação, em seguida (mas vejam que belo chapéu...feminino, logo de desqualificação (sendo mulher...não poderia ser cientista-ou vice-versa). Lidos de hoje, alguns desses movimentos parecem tímidas estratégias de re-afirmação da impermeabilidade das categorias masculino/feminino, da rigidez das fronteiras entre homem e mulher. Vividos na época devem ter parecido táticas cruéis de exclusão social. A constante re-afirmação desta impermeabilidade e desta rigidez é também o melhor indicador de incerteza, insegurança, na definição dessas mesmas categorias na prática: quais seriam, afinal, os elementos indiscutíveis de separação, de constituição daquele traço (/) que as separa, se um mísero item de vestuário alterado (chapéu ou calça, no caso das pesquisadoras de campo), um pequeno gestão sintonizado (“adamado”, no caso de um naturalista de Museu), ou o simples estar lá num espaço onde sua presença não era prevista, as punha em questão? (CORRÊA, 2003, p. 30)

Aqui, é preciso guardar as devidas diferenças entre pesquisas e campos etnográficos diferentes. Mas, a maneira como a autora rejeita concepções rígidas calcadas no dimorfismo sexual nesta passagem, joga luz sobre alguns dados etnográficos que tenho. Eu mencionei acima que, A. um rapaz que frequenta há 10 anos o CODA, foi a primeira vez ao DASA e se sentiu a vontade de falar sobre seus problemas com a “mulhereada” e de seu sofrimento pautado nessa sua compulsão. Muitos homens frequentam os grupos (menos o MADA, que é frequentado apenas por mulheres) por não se sentirem bem com seus comportamentos altamente erotizados. Mais de uma vez, vi mulheres irem ao DASA, declararem serem uma MADA e dizerem que estavam felizes por estarem ali e ver que os homens também sofriam de amor ou porque tinham comportamentos altamente erotizados. Bem como, conversei com várias mulheres que diziam irem ao grupos para pararem de utilizarem os homens como meros “objetos” sexuais.

---

<sup>15</sup> CORRÊA, Mariza. *Antropólogas e Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001

No entanto, há um movimento marcado por gênero: às mulheres parece ser necessário controlar o excesso de amor e aos homens terem amor/afetividade em suas relações sexuais. Aqui, mais do que o gênero entendido como diferença sexual em corpos sexuados, ele possa ser entendido como categorias ou metáforas de esferas sociais a partir da noção de *amor*. Essa noção parece *normalizar* os comportamentos e a produção afetiva dos sujeitos. Assim, parece que o espaço/lugar/motivação para a afetividade e para o amor é feminilizado enquanto o espaço/lugar/motivação para o erotismo é masculinizado. Nesse sentido, na busca por uma ética emocional e sexual homens e mulheres precisam buscar por *relações* e por este espaço/lugar/motivação feminina, ou, caso estejam em excesso nele, precisam controlá-lo.....